

O Radicalismo de Sade à Luz da Filosofia Marginal de E. de Condillac e La Mettrie

Rodrigo Grobe Navarro Luiz

Graduando em Filosofia pela PUC-PR

Resumo: A fundamentação filosófica permeada na obra literária do Marquês de Sade está intimamente ligada às teses materialistas, em especial, às obras dos filósofos E. de Condillac e La Mettrie que exerceram tamanha influência sob o Marquês. Nos diálogos dos personagens de Sade, encontramos o desmembramento radical das teses propostas por La Mettrie, em principal, quando adere a uma fisiologia muscular, na qual está relacionada a noções de irritabilidade muscular e de sensibilidade nervosa, bem como a tese central de Condillac, quando explica a natureza humana a partir do prazer e do desprazer, principalmente no que tange ao detalhamento das sensações como responsáveis pela composição de faculdades como a atenção, a memória, a imaginação e o juízo. Ao radicalizar, Sade transita por um caminho obscuro da natureza humana guiado unicamente por um prazer sexual egoísta. Sade se apropria do conceito de Estado de Natureza proposto por Thomas Hobbes para justificar a conduta libertina, porém diferente de Hobbes que reconhece no Estado de Natureza a necessidade da constituição do Estado representado por um soberano para coordenar a ordem em favor da vida de cada indivíduo, Sade, por sua vez, ao reconhecer o Estado de Natureza, onde perdura a guerra de todos contra todos, identifica a predominância da lei do mais forte. A figura do soberano libertino se apresenta para constituir a organização social denominada Orgia, cujos indivíduos adeptos reconhecem-no como o mais forte, e assim, submetem-se ao seu domínio por possuírem algo em comum: a busca de um grau elevado de prazer.

Palavras-chave: Marquês de Sade. Materialismo. Filosofia Marginal.

Introdução

Oriundos do círculo de filósofos libertinos de Paris¹, La Mettrie² e E. de Condillac,³ ambos essencialmente materialistas⁴, convergiam na defesa de maneira a enfatizar que o próprio pensamento “não passa de uma consequência da organização da sensibilidade humana”. (BOCCA, 2016 p.27). Desta perspectiva, compreendemos que a fundamentação filosófica permeada na obra literária do Marquês de Sade, a partir de suas exposições narrativas de exacerbado radicalismo, está intimamente ligada às obras destes dois filósofos.

Na narrativa *A Filosofia na Alcova*, de Sade, encontramos o das influências diretas das concepções filosóficas de La Mettrie, em particular quando adere a uma fisiologia muscular, na qual se relacionam as noções de irritabilidade muscular e de sensibilidade nervosa. La Mettrie via no homem um animal como qualquer outro; o homem é formado por uma substância básica e possui uma substância idêntica a do mundo material. Em sua principal obra, *O Homem-Máquina* (1747), descreve o corpo humano pela primeira vez sem amparo metafísico ou sobrenatural. Para o médico ateu, o

¹ A literatura libertina foi um fenômeno do século XVIII, com destaque na França, cujo estilo literário é caracterizado por histórias exóticas e eróticas, de modo que, as falas de seus personagens refletem em grande medida o pensamento de seus autores/filósofos expondo críticas à igreja, à monarquia, à moral entre outros. Os romances libertinos representavam o combate contra o obscurantismo, à ignorância e à tirania política.

² Julien Offray de La Mettrie (1709-1751) foi um médico e filósofo francês, um dos primeiros escritores a escrever sobre o materialismo no período iluminista.

³ Étienne Bonnot de Condillac (1715 – 1780) filósofo francês que laborou a doutrina sensualista, na defesa que todas as ideias possuem sua gênese nos sentidos.

⁴ A filosofia materialista defende a tese de que a única coisa cuja existência se pode afirmar é a existência da matéria, da qual todas as coisas são compostas, defende também que os fenômenos são resultados de interações materiais.

corpo humano era como uma máquina, um mecanismo complexo obedecendo regras precisas.

La Mettrie era profundamente admirado por Sade, chegando mesmo a fazer menção a ele, em Juliette, quando na voz de um de seus personagens, afirma apaixonadamente que para se alcançar maior harmonia com a ordem natural das coisas é preciso dar vazão à tirania, à injustiça e à desordem, pois são as principais forças do universo e, por isso, quanto mais atrozes forem os crimes do homem, mais harmonia se alcançará.

Sade é influenciado por Étienne de Condillac, em especial por sua obra *Tratado das Sensações* (1754). Nesta obra, Condillac refunda, no Século XVIII, a natureza humana a partir do prazer e do desprazer, principalmente no que tange ao detalhamento das sensações como responsáveis pela composição de faculdades como a atenção, a memória, a imaginação e o juízo. Tais faculdades são necessárias à conservação do indivíduo no momento em que lhe possibilita evitar experiências e objetos causadores de desprazer.

O presente artigo visa destacar os valores adotados pela filosofia libertina guiada pelo materialismo que, em suma, nega a imortalidade da alma, se opõe ao mundo espiritual e consequentemente defende o ateísmo. As teses materialistas são difundidas principalmente no século XVIII por filósofos modernos como La Mettrie e Condillac, que serviram de inspiração e orientação filosófica para Sade. O Marquês, por sua vez, radicaliza as teses materialistas de modo a conduzi-las às consequências últimas. Para compreendermos o que representa a radicalização das teses materialista nas narrativas de Sade, há a necessidade de explorar argumentações empiristas. Diante da perspectiva proposta e para enriquecimento desta análise, “entendemos ser necessário apontar a igualmente valiosa contribuição de

filósofos como Thomas Hobbes (1588 – 1679), John Locke (1632 - 1704), Étienne B. de Condillac (1715 - 1780) e Julien O. de La Mettrie (1709 - 1751)” (BOCCA, 2016 p.14).

Com base nas teses destes filósofos, será possível reconhecer um tipo de extensão que encontrará em Sade as últimas consequências, principalmente as que envolvem o campo da sensibilidade, especialmente quanto à sua finalidade de produção de prazer ilimitado. Sendo assim, apresentamos as teses essenciais das seguintes obras em ordem cronológica de suas publicações, a saber: *Leviatã* (1651) de Thomas Hobbes; *Ensaio Sobre o Entendimento Humano* (1690) de John Locke; *O homem-máquina* (1747) de Julien Offray de La Mettrie; e *O Tratado das Sensações* (1754) de Étienne de Condillac.

Uma vez apresentada as teses materialistas, colocamos em destaque alguns fragmentos retirados da obra literária do Marquês para analisar a filosofia materialista permeada nos diálogos de seus personagens. Dito isso, confrontamos as teses dos filósofos que o influenciou para, assim, evidenciarmos até que ponto Sade as radicalizou.

Teses Essenciais da Filosofia de Thomas Hobbes

As teses de filosofia política encontradas nas obras de Thomas Hobbes são um reflexo mais que evidente de um período histórico flagelado por intensas turbulências sociais. Este filósofo é contemporâneo de duas guerras, das quais uma, de caráter civil, ocorre na Inglaterra, e a outra, de caráter religioso, ocorre na França. No mesmo instante histórico, a Europa vivencia uma nova era intelectual oriunda da revolução científica e do advento da ciência moderna. Profundamente influenciado pelos rigores e avanços

estabelecidos pela ciência, manifestos principalmente na figura de Galileu, Hobbes, impactado com a violência da guerra, procura aplicar o método científico a fim de encontrar “*as leis*” que regem a natureza humana e assim estabelecer as bases de uma ciência política racional que garantisse a paz e a segurança às pessoas.

O princípio desenvolvido por Galileu defende que para compreender melhor o mecanismo de funcionamento de um corpo completo é preciso decompô-lo em seus elementos mais simples para distinguir sua natureza. Tal princípio é aplicado por Hobbes no campo social, de forma que o *Estado* é corpo que se visa à compreensão, do qual é constituído por elementos, ou seja, por indivíduos. A profundidade da compreensão, portanto, está em isolar a natureza humana e questioná-la.

Para isolar a natureza humana e analisá-la, Hobbes estabelece um modelo teórico racional denominado *Estado de Natureza*. Segundo Hobbes, o *Estado de Natureza* representa o estado em que vive o homem sem qualquer organização social. Não se trata de uma exploração histórica, mas de uma construção mental do comportamento humano pautado apenas em seus impulsos naturais de sobrevivência sem qualquer condicionamento moral, ético, político ou religioso. Neste estado, o ser humano comporta-se de maneira a saciar seus interesses de sobrevivência, de tal modo que não há respeito algum pelo interesse alheio, resultando no comprometimento da existência dos demais indivíduos, bem como do próprio indivíduo. Todos são vulneráveis. E, por assim ser, todos estão em conflito mútuo de interesses, logo, todos estão em guerra.

A razão apresenta-se como meio de extinguir a guerra de todos contra todos a partir do entendimento de que, uma vez que todos possuem

interesse na sobrevivência, e uma vez que a guerra leva à morte de muitos, é preciso encontrar a paz. Contudo, a razão por si só é ineficaz diante da força das paixões que, ao que tudo indica, parece ser mais latente no ser humano neste *Estado de Natureza* e, por isso, é preciso encontrar um ponto de tangência, de modo a domar tais impulsos latentes pelo viés da razão. A solução que Hobbes nos fornece é o *Estado*.

O *Estado* é o fruto do consentimento racional dos indivíduos que escolhem a paz, concedendo ao representante soberano (indivíduo ou assembleia) o poder para estabelecer uma convivência pacífica com base em regras justas. O Estado, portanto, é o conjunto de indivíduos que formam o corpo social, neste, por sua vez, ocorre a racionalização da satisfação dos interesses e desejos permeada pelas regras instituídas pelo representante soberano. Tal soberano possui poder absoluto, salvo se sua conduta for contrária ao princípio que lhe autoriza o uso do poder: assegurar a paz e a satisfação dos indivíduos.

Teses Essenciais da Filosofia de John Locke

As teses essenciais colocadas em relevo aqui, no que tange à filosofia de John Locke, são as expostas em sua obra *Ensaio sobre o Entendimento Humano* (1690). Segundo o autor, este Ensaio visa buscar “a origem, a certeza e a extensão do conhecimento humano, ao mesmo tempo em que os fundamentos, os graus da crença, da opinião e do assentimento” (LOCKE, 1988 p. 05). Nesta obra, Locke assume posição contrária às teses inatistas, segundo as quais o conhecimento humano e seu desmembramento no campo da moral são princípios caracterizados por estarem impressos no espírito humano segundo a vontade de Deus. A refutação argumentativa,

proposta por Locke, repousa na afirmação de que o acordo universal é o que ampara tais princípios do conhecimento e do campo moral, pelo que não haveria mais sustentação de seu caráter inato. O alicerce de sustentação de tais princípios está na aprendizagem a que os seres humanos são submetidos, a partir de construções abstratas, por meio da educação. O convívio com tais ideias desde a tenra idade gera certa familiaridade e um conforto intelectual, o que nos leva a afirmar que são de caráter inato. Da perspectiva de Locke, a postulação do caráter inato dos princípios da moral e do conhecimento traz em si o risco de um dogmatismo irrefutável que neutraliza o uso da razão questionadora.

Para Locke, o ser humano obtém conhecimento com base na experiência sensorial. Ao nascer, o ser humano se expõe ao mundo, ao exterior, de forma que a cada contato com o exterior, ou seja, à medida que cada impressão sensorial é recebida por via dos sentidos, é armazenada no espírito humano que, por sua vez, faz a análise destes dados sensoriais. As impressões sensoriais são a matéria-prima do conhecimento e Locke as denomina *ideias simples*. O resultado da análise das impressões, no espírito, seja por comparação, combinação e abstração, Locke as chama de *Ideias complexas*, que nada mais são que as ideias simples articuladas (conectadas) entre si. Portanto, todas as ideias, sejam elas de caráter sensível, sejam as de caráter essencialmente abstrato, tais como as ideias consideradas inatas, são resultados das operações do espírito humano que transformou os dados coletados nos órgãos sensoriais, ou seja, as formulações de qualquer ideia têm sua gênese na experiência sensível.

Teses Essenciais da Filosofia de La Mettrie

A respeito da filosofia de La Mettrie, as teses essenciais estão expostas em sua obra capital denominada *O Homem-máquina* (1747). Nesta obra, La Mettrie sustenta a tese de que a compreensão da constituição do ser humano é encontrada na própria natureza, pois, diferentemente do pensamento cartesiano, o humano não é constituído por substância de caráter metafísico, não há qualquer descontinuidade entre ele e a natureza, inclusive o próprio pensamento é o produto da organização da sensibilidade.

Por ser um filósofo do círculo dos libertinos de Paris, adepto ao materialismo, La Mettrie concebe o homem como análogo a uma máquina, cujo mecanismo de funcionamento está ligado diretamente a regras naturais, tal como sua própria organização e disposições de seus órgãos. Para La Mettrie, o ser humano não possui nada de precioso com relação a outros seres naturais, apenas possui particularidades que, por si mesmas, apenas sustentam ainda mais seu caráter natural. Assim, ressalta o autor, “o homem não é constituído por um barro mais precioso; a natureza empregou massa idêntica e única, da qual variou apenas a levedura” (LA METTRIE, 1982, p. 75). La Mettrie é influenciado pelo materialismo inglês, em especial pelo empirista John Locke, bem como pelo espírito científico moderno. Em consequência, o médico e filósofo La Mettrie encontra nos estudos fisiológicos de sua época, sobretudo nas teorias de Albrecht Von Haller⁵ (1708-1777), o arcabouço argumentativo do qual se apropria para sustentar as teses relativas à irritabilidade muscular e à sensibilidade nervosa, as quais exercerão tamanha influência em Sade, principalmente no que diz respeito à

⁵ Albrecht Von Haller foi um médico suíço, considerado um dos maiores fisiologistas do mundo moderno, criador da fisiologia experimental.

fundamentação da moral de seus personagens. Nas palavras do Professor Bocca:

Antecipo que a adesão de fisiologia muscular como esta pode implicar, como ocorrido com Sade, em consequências éticas, uma vez que permite apontar diretamente para uma moral fundamentada na sensibilidade, de fato utilitarista (melhor dizendo, utilitária) e hedonista, cuja orientação visa ao atendimento dos interesses do indivíduo enquanto máquina sensível, tendo como consequência o reconhecimento e o endosso de um egoísmo intrínseco e irrestrito no homem. Penso que, no caso de La Mettrie, foi particularmente por conta de sua simpatia e adesão a esta concepção, que seus contemporâneos lhe atribuíram a qualificação de imoralista (BOCCA, 2013, p. 29).

As teses defendidas por La Mettrie consistiam numa articulação da fisiologia muscular em favor da sensibilidade, com espacial destaque ao prazer. Por conta disso, os intelectuais de sua época interpretavam suas teses como desdém moral, pois a sensibilidade corporal apresentada implica necessariamente a negação de conceitos metafísicos como a alma e o próprio Deus, fonte de toda virtude moral. Contudo, vale ressaltar que o filósofo enfatizou a superioridade do prazer do espírito em relação à vulgaridade dos demais prazeres. O ser humano, para La Mettrie, é uma máquina orgânica dotada de um sistema autossuficiente, cujas partes se relacionam para cumprir um determinado fim. As ações humanas são regidas por uma finalidade que se traduz no gozo do prazer. E foi exatamente por dar ênfase ao prazer, que acabaram por surgir as interpretações tendenciosas das teses de La Mettrie.

Teses Essencias da Filosofia de E. de Condillac

A principal obra de Condillac, na qual se visa expor as teses de sua filosofia, é o *Tratado das Sensações* (1754). Nesta obra, o principal objetivo consiste em mostrar que todo o conhecimento humano, bem como nossas faculdades, tem sua gênese nos sentidos, mais precisamente em nossas sensações. Para Condillac, os sentidos não sentem nada, apenas atuam como receptores de dados empíricos; na verdade, apenas a alma sente e é a partir destas sensações, que a modificam, que o conhecimento e as faculdades se originam. Em outras palavras, os dados sensoriais captados pelos órgãos dos sentidos por si mesmos não representam nenhuma forma de conhecimento ou faculdade mental, os órgãos dos sentidos atuam apenas como receptores de informação, são a conexão entre o exterior e o interior do ser humano, neste caso, representado pela alma. Assim que captadas as informações sensoriais, as mesmas são recepcionadas de uma determinada maneira pela alma. Estas determinadas maneiras de armazenamento de informações sensoriais recepcionadas pela alma, Condillac as denomina *sensações*.

As sensações, por sua vez, geram impressões permanentes e representam uma forma de descrever o registro de um conhecimento adquirido a partir de dados sensoriais e sua consequente recepção na alma. As impressões permanentes são determinantes para a formação da faculdade do Juízo, pois, se com o passar dos anos as impressões se perdessem, consequentemente, se perderia o conhecimento gerado por elas, e isso implicaria dizer que a faculdade de julgamento também seria comprometida, já que o processo de julgar traduz-se na comparação entre impressões que se apresentam e impressões antigas. E é justamente a natureza agradável ou

desagradável da sensação que não permite esta perda, pois que condiciona a alma no interesse de buscar uma e não a outra.

Para explicar melhor suas teses sensualistas, Condillac convida o leitor a construir a imagem de uma estátua de mármore com organização interior igual ao ser humano, a qual não possui ideia alguma, bem como não sofreu nenhuma experiência sensível. A partir da construção desta imagem, Condillac supõe que se despertassem os sentidos da estátua um a um, a começar pelo sentido que autor considera o mais pobre de todos, o olfato. Com as primeiras experiências olfativas a estátua se ocuparia inteiramente dessas experiências, assim se constituiria a *atenção*. Tais experiências causariam prazer ou dor, os quais, por sua vez, são os critérios determinantes das operações na alma. Condillac denomina a primeira operação da alma de *memória*, que nada mais é do que a permanência da informação da experiência que teve contribuição significativa da *atenção*. Seria, portanto, um modo de sensação. A *comparação* surge a partir da memória, que se traduz na atenção dispensada a duas coisas, e que necessariamente conduz ao *juízo*. Estas operações: memória, comparação e juízo armazenam-se na alma, como uma espécie de banco de dados de referências que, combinadas, formam o *princípio da associação de ideias*.

A *comparação*, segundo Condillac, é a operação determinante da alma da estátua, pois condicionará outras operações na alma como a *memória* e a *imaginação*. De acordo com Condillac, da comparação que se faz de sensações passadas com as sensações presentes, tendo como parâmetro o prazer e a dor, nasceria o *desejo*. Em outras palavras, a alma carregaria em si uma carência, e procuraria satisfazer essa carência buscando a sensação que lhe apraz.

A Filosofia Materialista do Marquês de Sade

Donatien Alphonse-François, mais conhecido por Marquês de Sade, foi sem sombras de dúvida um autor que através de seus escritos explorou o lado oculto da natureza humana. Empenhamo-nos em expor os fragmentos retirados da literatura de Sade para mostrar os pontos de apoio da filosofia materialista que o Marquês utilizou em suas narrativas e suas consequentes radicalizações fundamentadas no prazer egoísta. Sendo assim, apresentamos o seguinte fragmento encontrado na obra *Filosofia na Alcova*:

...Vamos, Eugênia, abandone-se, entregue-se inteiramente, com todos os sentidos, ao prazer. Que somente ele seja o Deus da sua existência, única divindade à qual uma jovem deve sacrificar tudo. Que somente o prazer seja sagrado aos seus olhos! (SADE, 2003, p.12).

Apesar de o personagem libertino negar a existência de qualquer entidade metafísica digna de culto, neste diálogo o prazer é apresentado como algo sagrado e digno de sacrifício. Embora a ideia de divindade se apresente um tanto contraditória em relação ao prazer, pois a divindade implica fé no sobrenatural, o que podemos inferir aqui é a audácia do personagem em reduzir Deus, - fundamento central da Igreja -, a uma sensação de ordem sexual representada pelo prazer sensível e acessível. Eugênia, por sua vez, ao entregar-se inteiramente a tal prazer, simbolizaria a negação dos valores morais que orbitam a figura de Deus e, consequentemente, uma afronta à autoridade da Igreja.

Sob a perspectiva da filosofia de Condillac, o prazer é apresentado como princípio de elevação ao conhecimento. Pois a alma que vivenciou o

prazer uma vez o desejará novamente, de tal modo que o movimento da alma em direção ao reencontro com o prazer é traduzido numa conduta moral:

...É por esse artifício que o prazer e a dor são o único princípio que, determinando todas as operações de sua alma, deve elevá-la gradualmente a todos os conhecimentos de que é capaz; e para distinguir os progressos que poderá fazer, basta observar os prazeres que ela terá a desejar, as dores que terá a temer, e a influência de ambos segundo as circunstâncias (CONDILLAC, 1993 p. 65).

Segundo Condillac, há a necessidade de polir os prazeres no sentido moral para o aprimoramento das faculdades da alma. A dor, por sua vez, gera desconforto à alma que, dotada do conhecimento da experiência do prazer, tenderá a um movimento em direção ao prazer no sentido de evitar a dor. Por outro lado, os personagens de Sade radicalizam o princípio de prazer, de tal modo que a dor é articulada nas narrativas em favor do princípio de prazer. Tal articulação é justificada pela obtenção de um nível elevado de prazer que se alcança pela experiência de submeter o parceiro a dor:

Ora, como a dor afeta mais vivamente que o prazer, o choque resultante dessa sensação produzida sobre o parceiro será de vibração mais vigorosa e repercutirá mais energicamente em nós; o espírito animal entrará em circulação e inflamará os órgãos da volúpia predispondo-os ao mais intenso prazer. (SADE, 2003 p.30).

A dor imposta ao parceiro em função de um prazer egoísta remete a ideia de dominador e dominado. Nesta conjectura, o mais forte se deleita de prazer à custa do mais fraco. Dito isso, a concepção Hobbesiana de guerra de todos contra todos, bem como “o homem é o lobo do homem”, é

articulada na literatura sadeana de maneira a respaldar a conduta do mais forte:

A natureza é a nossa mãe e só nos fala de nós mesmos, sua voz é a mais egoísta. O mais claro conselho que nos dá é que tratemos de gozar, de nos deleitar, mesmo a custo de quem quer que seja! Os outros nos podem fazer o mesmo, é verdade, mas o mais forte vencerá. A natureza nos criou para o estado primitivo de guerra, de destruição perpétua, único estado em que devemos permanecer para realizar seus fins. (SADE, 2003, p.31)

As teses essenciais de Hobbes são notórias no interior da literatura sadeana. O *Estado de Natureza*, na concepção hobbesiana, é apresentado como uma condição em que o ser humano obedece tão somente aos seus apetites, promovendo, para satisfazê-los, um estado de guerra, no qual a vontade do mais forte se impõe. Nessa guerra, em que todos estão vulneráveis, a constituição do *Estado* se apresenta como um consentimento racional dos indivíduos que entendem a necessidade de delegar a um soberano a manutenção da vida e determinar as regras da organização social, a abdicar do exercício da força e delega-lo ao Estado.

Nas narrativas de Sade, por meio dos diálogos de seus personagens, encontramos o reconhecimento do *Estado de Natureza*. Entretanto, a constituição de uma organização social representada na figura do soberano sofre algumas distorções. A lei natural determina guerra de todos contra todos com prevalência do mais forte. No Estado hobbesiano é a racionalização que determina o fim da guerra de todos contra todos, colocando a força nas mãos do soberano, mas para proteger o mais fraco. Em Sade, o mais forte se apresenta como soberano, porém, não para proteger os mais fracos, mas, sim, para submetê-los a obediência das regras

da organização social denominada *Orgia*. A *Orgia* é o resultado da racionalidade das regras nas quais orbita tão somente o prazer da volúpia do soberano libertino.

Na literatura de Sade, vemos a figura do soberano libertino no personagem de Dolmancé, em *Filosofia na Alcova*, cujas ordens visam apenas o seu próprio prazer dentro da organização social *Orgia*. Na *Orgia* os indivíduos consentem ao domínio do soberano libertino e o reconhecem como o mais forte. A definição de *Orgia* em paralelo com *Estado* é exposta por Bocca da seguinte maneira:

Enquanto o Estado, na condição de organização social e política, enseja a possibilidade de segurança e conservação dos seus membros, a *Orgia*, que aqui igualmente considero como organização social e política, visa e promove a aniquilação de seus membros. Seu estatuto enseja a coerência filosófica do libertino, revela a verdade última do materialismo, pelo menos o de Sade (BOCCA, 2017, p.10-11).

Uma vez consolidada a organização social denominada *Orgia*, o soberano libertino, por seu turno, submete seus dominados a prática do *crime*, que se traduz, em suma, na transgressão das normas morais e refutação dos dogmas religiosos. Nos diálogos dos personagens de Sade, encontramos a tese de Locke acerca do assentimento, de maneira que, a moral e a religião são amparadas por um acordo universal e, por assim ser, não se sustenta prova alguma de seu caráter inato. É apenas a educação, pela qual os seres humanos foram submetidos ao convívio de tais ideias, desde a tenra idade, que as sustenta. A título de exemplo, o personagem Dolmancé, de Sade, se apropria da tese de Locke a respeito do assentimento para convencer

Eugênia a entregar-se ao prazer libertino, pois, uma vez que toda a conduta moral e devoção religiosa que Eugênia praticara acorrentaram-na, para libertar-se é preciso praticar o *crime*, transgredir as regras morais, refutar os dogmas. Libertação justamente possibilitada pela crítica ao caráter inato, e por isso dogmático, dessas regras morais e religiosas

A refutação dos dogmas religiosos, em especial a crença em Deus, é usada como argumento no *Diálogo entre um Padre e o Moribundo* a partir da tese lockeana de que todo conhecimento provém dos sentidos e de que só se pode crer no que se pode conhecer. Uma vez que não se pode ter a experiência empírica de Deus pelas vias dos sentidos, não se pode conhecê-lo e, portanto, crer nele:

PADRE – Então não crede mesmo em Deus?
MORIBUNDO – Não, por uma razão bem simples. É perfeitamente impossível crer no que não se compreende. Entre a compreensão e a fé deve existir relações imediatas. A compreensão é o primeiro alimento da fé. Onde a compreensão falha, a fé está morta; e aqueles que assim mesmo continuam a crer, enganam-se redondamente. (...) Só me rendo à evidência que recebo dos sentidos; onde eles cessam, minha fé desfalece. (SADE, 2001, p.21).

A evidência dos sentidos se sobrepõe a qualquer consideração. Sendo assim, a imortalidade da alma, uma ideia que carrega em si a possibilidade do castigo divino na pós-morte em consequência da conduta praticada em vida, de igual maneira é refutada:

Mediante provas tão fortes da identidade da alma e do corpo, como foi possível imaginar que esta porção de um mesmo indivíduo gozasse de imortalidade enquanto a outra perecia? Os imbecis após terem feito

dessa alma fabricada a seu bel-prazer um ser simples, inextenso, desprovido de partes, absolutamente diferente, em suma, de tudo que conhecemos, pretenderam que não estava sujeita às leis que encontramos em todos os seres, cuja perpétua decomposição a experiência nos mostra; partiram desses falsos princípios para persuadirem-se de que o mundo também tinha uma alma espiritual, universal e deram o nome de Deus a essa nova quimera, da qual a de seu corpo passa a ser uma emanção. (SADE, 2001, p.30).

A imortalidade da alma é justificada pela existência de Deus, tal concepção está em dissonância com as teses materialistas. Neste sentido, a argumentação em relação à alma encontrada nas narrativas de Sade é fundamentada nas teses materialistas com notória influência de Condillac:

De fato, o que vem a ser esta alma, senão o princípio de sensibilidade? O que vem a ser pensar, gozar, sofrer, senão sentir? O que vem a ser a vida senão um conjunto desses diferentes movimentos próprios a serem organizados? Desse modo, assim que o corpo deixa de viver, a sensibilidade não mais pode atuar; não pode mais haver ideias, nem, por conseguinte, pensamentos. (SADE, 2001, p. 31)

A alma como princípio de toda sensibilidade concede valor máximo ao prazer. Todo movimento em direção ao prazer, em especial a prática do *crime*, converte o prazer num valor absoluto, portanto, radicalizado, pois justifica toda e qualquer conduta em função de um prazer egoísta:

Recosta-se no sofá, Duclos volta para o trono, a criança limpa-se, é consolada e reúne-se ao seu quarteto, o recital continua, deixando os espectadores convencidos de uma verdade da qual, acredito, já há muito tempo estavam compenetrados: de que a ideia de crime pode

sempre incendiar os sentidos e levar-nos à lubricidade. (SADE, 1980, p. 83).

Nas narrativas de Sade, infere-se a busca por um prazer cada vez mais elevado. Neste sentido, o marquês enfatiza na voz de Dolmancé que a imaginação, assim como o crime, deve trabalhar em função da elevação do prazer:

DOLMANCÉ - É um erro. Esse gozo é tal que nada o pode diminuir, o paciente é transportado ao sétimo céu. Nenhum gozo lhe é comparável, quem o atingiu nunca mais poderá preferir outro. Esses são, Eugênia, os processos de gozar sem temer a gravidez, pois mais delicioso ainda que o gozo real é tudo que prepara o gozo: lambidas, mordidas, punhetas, chupadas... A imaginação acossa o prazer, dela é que provém as mais picantes volúpias (SADE, 2003, p. 21).

Ao destacar o uso da *imaginação* em favor do prazer, notamos a influência das teses de La Mettrie, principalmente quando o filósofo defende que o prazer deve ser polido no âmbito das faculdades da alma. Contudo, o Marquês direciona tal polidez em virtude da volúpia para aprimoramento da conduta libertina. Neste sentido, Bocca destaca a faculdade da imaginação apresentada na narrativa sadeana:

(...) Sade apresentou a função e importância da faculdade da imaginação que visa a produção e o estímulo dos gostos e prazeres mais variados e improváveis. Assim, reconhecemos os objetos exteriores segundo uma construção de nossa imaginação, de modo que mesmo objetos hostis e espantosos (o que inclui o sofrimento alheio) possam nos afetar de modo agradável. Isto porque, a imaginação apreendendo e modificando os objetos percebidos, produz e organiza seus pensamentos, sendo assim definida como uma faculdade criativa e

desta forma cria, multiplica e potencializa seus objetos.
(BOCCA, 2017, p. 100-101)

A imaginação nas narrativas de Sade não está agrilhoadas a qualquer preceito de interesse coletivo, cumpre a função de ornamentar os desejos libertinos para refinar a prática em função do prazer egoísta:

MADAME - Certo. Mas, Eugênia, tome cuidado, a imaginação só se aquece quando desprezamos os preconceitos; um só deles basta para tudo arruinar. Essa caprichosa parte do nosso espírito é de uma libertinagem que nada pode conter; seu maior triunfo consiste em romper todos os freios. É inimiga da regra, idolatra a desordem e tudo quanto se aproxima do crime. (...) MADAME - Nunca se espante, querida, dos mais odiosos crimes, do que houver de mais sujo, mais infame, mais proibido: é isso justamente que aquece a imaginação e nos faz gozar completamente até o espasmo supremo (SADE, 2003, p.23).

A imaginação é aquecida pelo crime, promove as transgressões e o refinamento da conduta libertina. O libertino detém uma espécie de liberdade retratada na negação de qualquer conduta moral que se opõe ao prazer essencialmente egoísta. Os integrantes da *Orgia* estimulam seus corpos em direção ao conhecimento sensível na busca de encontrar prazeres cada vez mais elevados.

Conclusão

A filosofia materialista exerceu e exerce sem sombra de dúvida influência permanente nos mais elevados intelectos. Debruçando-nos sobre a obra literária do Marquês de Sade, cujas narrativas descrevem atrocidades que, do ponto de vista moral, desperta no leitor(a) despreparado(a) um

desconforto aterrorizador, encontramos um desmembramento de extremo radicalismo das teses materialistas.

A contribuição que Sade nos deixou com seu legado literário, sobretudo as consequências ao radicalizar a filosofia materialista, dando voz aos aspectos obscuros da natureza humana, coloca em relevo temas que perturbam a ordem social tais como: o aborto, a sodomia, o assassinato, o estupro, a transgressão das leis, o ateísmo, entre outros. O mais curioso é que o Marquês transformou todas essas perturbações sociais em práticas veneráveis e recomendadas para consolidar a organização social denominada *Orgia*. Os integrantes desta organização social se rendem aos caprichos do soberano libertino adotando uma conduta de negação da moral religiosa em favor do prazer.

A elevação do prazer apresentada nas narrativas de Sade ocorre com a conjectura de três elementos, a saber: o crime, a imaginação e a volúpia libertina. Neste sentido, é por meio da imaginação desenfreada, sem nenhum regramento, que o libertino arquiteta o *crime* que se consolidará na submissão do corpo físico a uma impressão sensível de prazer essencialmente luxurioso.

Sade viveu no século XVIII, à beira da Revolução Francesa, quando permeava o imaginário coletivo o surgimento de uma nova ordem social. Neste sentido, os diálogos dos personagens de Sade apresentam ataques à religião, “examinemos com atenção os dogmas absurdos, os arrepiantes mistérios, as cerimônias monstruosas, a moral impossível desta religião repelente, e veremos se ela pode convir a uma República” (SADE, 2001, p. 67). Em favor da República, as argumentações no interior da literatura sadeana visam, sobretudo, a defesa de uma organização social guiada pela razão.

Diante do que foi apresentado, pode-se concluir que o pensamento materialista não só exerceu influência significativa nas obras do Marquês de Sade, como também tomou uma direção nunca antes vista na história da filosofia. O Marquês não só explorou o campo da sensibilidade humana para construir suas narrativas em função de um prazer libertino, como também atribuiu ao prazer valor absoluto, tanto no sentido epistemológico, como para nortear a conduta libertina.

Nos diálogos dos personagens de Sade, o prazer é apresentado como um artefato de guerra contra a religião para desconstruir todas as relações sociais fundamentadas em princípios morais-religiosos. O prazer essencialmente sexual é articulado nas narrativas com as teses materialistas para justificar as transgressões morais, a propagação do ateísmo, a negação da imortalidade da alma e a destruição do mundo espiritual. Neste sentido, a literatura de Sade concede imunidade ao ser humano frente às entidades metafísicas. Este *Ser Sádico* reconhece na morte o fim, nada além, apenas o aqui e o agora, portanto, deve-se usufruir ao máximo a vida que possui. O usufruto da vida deste *Ser Sádico* tem sua máxima na submissão ao prazer essencialmente egoísta.

Referências Bibliográficas

BOCCA, F.V. *Do Estado à Orgia: Ensaio sobre o fim do mundo*. Curitiba: Editora CRV, 2016.

CONDILAC, E. B. *Tratado das sensações*. Campinas: Ed. Unicamp, 1993

_____. *Tratado dos sistemas*. S. P.: Abril Cultural, 1979

HOBBS, T. *Leviatã*. S. P.: Martins Fontes, 2003

LOCKE, J. *Ensaio acerca do Entendimento Humano*. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

METTRIE, J. O. *O homem-máquina*. Lisboa: Estampa, 1982

SADE, M. *Filosofia na alcova*. S. P.: Iluminuras, 2003

_____ *Diálogo entre um padre e um moribundo*. S. P.: Iluminuras, 2001

_____ *Justine*. R. J.: Ed. Saga, 1968

_____ *Os 120 dias de Sodoma*. S.P.: Ed. Aquarius, 1980